

SEM NENHUMA PRETENSÃO EM SER MINISTRO DA CULTURA

João Branco é Prémio Teatral 2010

Gisela Coelho

Fala crioulo de “Soncent” na perfeição e assume-se já como um filho da terra. Chegou ao arquipélago em 1993, trazendo na bagagem apenas um bilhete de vinda, sem data e hora para regressar. Três meses depois já estava absorvido pelo teatro crioulo e é autor do livro “Nação Teatro”. Hoje, é sem dúvida o grande rosto do Mindelact, que colocou o teatro de expressão crioula na rota do teatro africano e de expressão ibérica. João Branco, talvez seja para alguns ilustre desconhecido, mas para muitos é uma figura incontornável da Cultura nacional.

Mediático, crítico e, sobretudo, um intervencionista por natureza, tem na preservação do cinema Éden Park uma das suas maiores lutas pessoais. No passado fim-de-semana, 27 de Março, Dia Mundial do Teatro, recebeu, em São Vicente, o Prémio Mérito Teatral’2010, e, em entrevista directa e exclusiva ao A NAÇÃO, adianta que, ao contrário do que alguns possam pensar, não tem qualquer pretensão de um dia vir a ser ministro da Cultura.

A NAÇÃO - Este prémio de Mérito Teatral é um reconhecimento que já vem tarde ou que vem no momento certo?

João Branco - Não sou eu quem pode responder a esta pergunta. Mas acho que não vem tarde nem cedo, foi este ano que a Assembleia-Geral da Associação Mindelact decidiu, e está bem decidido, porque esta é soberana na decisão da atribuição deste prémio simbólico.

A introdução deste Prémio de Mérito Teatral veio acrescentar algo ao desenvolvimento do Teatro cabo-verdiano ou é mais um regozijo pessoal para quem o ganha?

Um pouco das duas coisas...

Porquê?

Teve algum significado, porque foi, na época, a primeira vez que se instituiu um prémio em que agentes de uma determinada área premiavam, reconhecendo mérito, outras pessoas dessa mesma área.

Tem um valor acrescentado precisamente pelo facto de ser um prémio decidido por gente de teatro. Há hoje, e constato isso com alguma tristeza, um preconceito de que os grupos de teatro, ou as pessoas ligadas ao teatro, se dão todas mal umas com as outras, que anda tudo em guerra aberta.

Ainda noutro dia, o Mano Preto, pessoa que estimo e respeito, fazia referência a isso mesmo numa entrevista para a televisão. Não podia estar mais em desacordo. Somos todos companheiros de uma mesma luta.

O que mais acontece por cá é actores a trabalharem em grupos diferentes, a fazerem uma perninha num grupo que não é o seu. Claro que a concorrência é de salutar e acho fantástico que cada um tente fazer o seu melhor.

Por exemplo, sabias que no Mindelo, nenhum elemento, de nenhum grupo de teatro paga para ver as peças dos outros grupos? E não foi nenhum acordo assinado, foi uma filosofia e uma «regra» que se foi instalando e hoje tem quase a força de lei.

Isso mostra o quanto estamos interessados em valorizar o trabalho dos nossos colegas, porque a presença na plateia é, antes de tudo, sinal de respeito e consideração.

BANDEIRA DA LUTA

Desde 1993, quando chegaste, que o Teatro tem sido a tua grande luta em Cabo Verde. Podemos dizer que tens conquistado grandes vitórias. Como é que sentes essa luta? Consegues ter esse espírito de vitória?

É uma luta de todos os dias. Costumo dizer que cada pessoa que hoje vai ao teatro foi conquistada por nós.

Melhor, arduamente conquistada pelo próprio teatro. Haverá, certamente, outras pessoas que um dia vão ver um espectáculo menos feliz, e desistem de ir ao teatro e então é preciso recuperar nessa gente o gosto pela arte cénica.

É cada vez mais difícil convencer as pessoas a saírem de casa. Mas o teatro é uma arte efémera, a sua magia está precisamente nesse aspecto de viver do momento, do cerimonial mítico que coloca os seres humanos perante o espelho caleidoscópico da própria humanidade, como diria Shakespeare.

E, por ser efémero não permite que nos sentemos tranquilamente a saborear os eventuais sucessos, os momentos vitoriosos.

Amanhã, hoje ainda, é preciso colocar mais uma pedra nessa estrada, mais um tijolo nesse edifício teatral, senão corremos o risco de tudo ruir e de ser preciso começar tudo de novo.

Sabes, nos meus primeiros tempos de encenador, sofria que nem um condenado no final de cada última apresentação de alguma peça, olhando o cenário, de forma nostálgica, sabendo que passado uns minutos tudo iria desaparecer.

Hoje, já não tenho essa angústia. Antes de uma peça terminar a sua carreira, já estou a pensar no que vou fazer a seguir.

Claro que isto não quer dizer que viva de forma menos emocional todo este processo, mas se não entendemos que a natureza da arte cénica é nascer e morrer a todo o instante, então o melhor é nos dedicarmos a alguma outra actividade. De preferência, longe da criação artística.

Ainda persistem algumas frustrações nesse teu caminho?

Temos sempre algumas, que são normais. Uma peça que gostaríamos que tivesse atingido um patamar mais elevado, por exemplo. Ou então ter pena de tanto investimento, tantas horas de trabalho, de sacrifício, para montar um espectáculo de teatro, acabe se resumindo em meia dúzia de apresentações.

Todos nós gostaríamos um dia de experimentar essa sensação de fazer uma temporada. Ficar um tempo, dois a três meses, em cartaz com a mesma peça. Porque a peça de teatro, enquanto objecto de criação artística, precisa desse espaço, dessa experimentação, ou melhor, dessa vivência

“Falem menos, façam mais. Talvez assim se conseguisse chegar mais vezes a bom porto e não perdêssemos tanto tempo com mediocridades, que por vezes apenas servem para nos distrair do essencial”.

real, desse confronto diário com um público sempre diferente, para encontrar o seu ritmo próprio, o seu espírito peculiar, a sua identidade.

Em Cabo Verde não existe nem mercado nem condições logísticas para que isso aconteça. As peças acabam por morrer sem que todo o seu potencial tenha sido revelado. Isso é uma grande frustração.

Como podemos estar em cena várias semanas se os grupos pagam para utilizar os poucos espaços disponíveis? Porque até há público.

Veja-se a quantidade de alunos que existem nos liceus. Se houvesse uma verdadeira aposta nesta ponte, só os alunos dos liceus dariam para um grupo de teatro fazer dezenas de apresentações.

Por isso tenho defendido a existência de um Teatro Nacional, ou melhor, de uma Companhia Nacional de Teatro e Dança, que permita ao Estado fazer essa aposta na criação

artística e construir a ponte (ou as pontes) com o sistema educativo, que é vasto e está ainda muito por explorar.

MINDELACT: FALTA CONSOLIDAÇÃO

É indiscutível o papel que o Mindelact veio trazer ao panorama do teatro cabo-verdiano e à sua posição na rota do teatro africano e de expressão ibérica. Passados 15 anos, o que é que ainda sentes que falta ao Mindelact para ser melhor?

Falta consolidar-se estruturalmente. Quer dizer, em termos físicos mesmo. Continuamos dependentes da boa vontade de algumas pessoas, o que é sempre um risco muito grande.

Seria fantástico, por exemplo, ter condições de profissionalizar dois ou três elementos que dão o “couro e cabelo” durante todo o ano por amor à camisola e que seriam operacionais fantásticos, se fossem mais bem aproveitados.

Há gente que trabalha mais no Mindelact durante algumas semanas, do que alguns funcionários de institutos públicos durante um ano inteiro.

É evidente que há um reconhecimento das entidades e isso valoriza o nosso trabalho. Mas, por vezes, gostávamos que a participação efectiva fosse mais substancial, para que possamos fazer melhor, porque esta equipa é fantástica e tem dado muito a Cabo Verde.

Quais foram as principais mudanças que ocorreram no teatro nacional desde a tua chegada?

Não quero estar aqui a fazer uma relação de causa-efeito. O tempo será o melhor testemunho e além disso o teatro é a arte do colectivo. Ninguém faz nada sozinho. É certo que, a partir de determinada altura, houve uma série de dinâmicas coincidentes que permitiram com que acontecesse o que eu designei no meu livro «Nação Teatro», de Revolução Tranquila. Hoje, o panorama teatral cabo-verdiano não tem rigorosamente nada a ver com o que existia nos anos 80 ou mesmo no pós-Independência.

Aponte exemplos.

É só ver o que aconteceu no mês de Março. Quase todos os dias tivemos notícias de actividades ligadas ao teatro acontecendo um pouco por todo o arquipélago.

No Maio, realizaram-se uma série de acções. No Sal, uma homenagem ao Juventude em Marcha, com vários espectáculos. Na Praia, um pequeno festival com grupos de várias ilhas e da diáspora. Acções de formação em teatro decorreram ou estão a decorrer na Boavista e no Fogo.

No Mindelo, tivemos a agitação habitual. E qual é a minha intervenção directa em todas estas coisas que estão a acontecer? Zero.

É nenhuma. Isso sim, deixa-me muito satisfeito, verificar que as sementes que fomos lançando perduram e que hoje os activistas culturais, ou responsáveis políticos ou camarários, os agentes de educação, vêem no teatro uma preciosa ferramenta de intervenção social e cultural.

SONHO POR MATERIALIZAR

O sonho da Escola de Arte Dramática persiste, é real, ou nunca passará de um sonho?

Persiste, claro. Estou a estudar para isso e esperemos que a Universidade Pública de Cabo Verde, por exemplo, continue esta sua aposta no ensino superior em áreas ligadas à criação e à produção artística.

Está a começar na música, o que é perfeitamente natural, mas acredito e espero que esta aposta se possa estender para outras áreas da cultura.

Não estou a dizer que concordo, porque sempre defendi que à cultura devia ser dada um ministério autónomo ou, no mínimo, uma Secretaria de Estado, mas certamente que esta última orgânica governamental, que junta Ensino Superior e Cultura numa mesma pasta, é tudo menos inocente.

Dá-nos sinais claros de que a aposta nos próximos anos vai ser na formação. E só pode ser esse o caminho. Tudo passa pela formação.

Ela é a base, o alicerce, sem o qual, nenhum edifício poderá ser construído e servir o país.

No que diz respeito à escola de Arte Dramática basta dizer que há vários cabo-verdianos formados ou em vias de concluir os seus cursos superiores em diferentes áreas ligadas às artes cénicas. Outros estão fazendo mestrados e doutoramentos. Esta é uma nova realidade que perspectiva que esta escola possa ser uma realidade a médio prazo e, melhor ainda, com um elenco formador sustentado na prata da casa.

As condições para que isso aconteça estão hoje bem mais próximas do que estavam há dez anos atrás.

E o sonho do Éden Park? Há quem diga que, às vezes, parece uma missiva mais pessoal do que propriamente cultural. Concordas?

Claro que é pessoal. Se eu não tivesse qualquer ligação pessoal ou sentimental com o edifício, provavelmente não estaria tão motivado, mas isso é perfeitamente natural.

Aliás, é só ler as centenas de comentários que estão na petição que fizemos. Todos têm uma ligação afectiva, fortíssima, com aquele espaço. Isso não diminui, antes pelo contrário, o nosso direito – e eu diria, até o dever – de ter e promover uma intervenção pública defendendo o que nos parece ser o mais correcto.

Quem defende o contrário também tem a liberdade total para expressar as suas opiniões.

O problema é que em Cabo Verde, como consequência de ser um meio muito restrito onde todos se conhecem, acontece ainda que tudo é levado, ou para o campo estritamente pessoal ou para o campo partidário.

Não preciso de publicitar as minhas

opiniões sobre o Éden Park para alargar a minha arena de intervenção pública, nem é esse o objectivo, muito menos sinto essa necessidade.

Ultimamente, até tenho procurado intervir apenas quando é estritamente necessário.

Mas acabei por desenvolver outros canais de comunicação, que dão alguma visibilidade às minhas tomadas de posição, mas isso é normal. Quem estiver farto de me ouvir ou ler tem uma solução muito simples: passa à frente.

“NÃO ME SINTO EM TERRITÓRIO ALHEIO!”

Tens sido um dos acérrimos críticos e “opinion maker” da Cultura Crioula. Mesmo tendo a nacionalidade cabo-verdiana, não podemos descurar as tuas raízes e o facto de seres português. Alguma vês sentis-te a pressão e amargura de estares a emitir opinião em território alheio? Como lidas com isso?

Não me sinto em território alheio. Nunca me senti. O Mindelo tem isso. Apropria-se de nós. Transforma-nos num deles. E isso acaba por ser extensivo, com o tempo e a vivência, a todo o país.

“Mas queres melhor forma de defender o que é nosso do que colocar em palco peças de autores como Baltazar Lopes, Eugénio Tavares, Germano Almeida, Arménio Vieira ou Mário Lúcio Sousa? Nós já fizemos tudo isso.

Claro que, quando falham os argumentos, há sempre quem queira abanar essa bandeira do português que vem de fora mandar nos que cá estão, mas esse argumento é tão ridículo e resvala para o campo do preconceito, e mesmo para o racismo, que pura e simplesmente deixei de dar atenção a esse tipo de comentários, até porque não contribuem em nada para uma discussão mais aprofundada e profícua, que sempre defendi.

Por exemplo, na questão do crioulo: fomos os primeiros, no Centro Cultural Português, a fazer adaptações na língua cabo-verdiana de peças de teatro de autores tão fundamentais como Shakespeare, Molière, Beckett, Garcia Lorca.

A minha tese de mestrado vai ser, precisamente, sobre estas crioulações, um termo que, no que diz respeito ao teatro, foi introduzido por nós, como forma de identificar esta que é uma forma de apropriação de textos estranhos para a nossa realidade idiossincrática, passando, inevitavelmente, pela questão da língua. Queres melhor forma de vincar uma posição de defesa do crioulo do que esta? As melhores opiniões são aquelas que são sustentadas no fazer, cá está algo em que acredito cada vez mais.

Falem menos, façam mais. Talvez assim se conseguisse chegar mais vezes a bom porto e não perdêssemos tanto tempo com mediocridades, que por vezes apenas servem para nos distrair do essencial.

E que essencial é esse?

O essencial é apenas e só tentar fazer o melhor possível com os meios que se tem, defendendo, através da obra de arte, os nossos pontos de vista.

A obra de arte fala por si, toda a gente sabe isso. Quando encenamos a peça «No Inferno» de Arménio Vieira, estamos a fazer o quê?

Para mim, é um autêntico manifesto da contemporaneidade literária cabo-verdiana, e lá está o Prémio Camões atribuído ao poeta para o comprovar, se preciso fosse. Mas não apenas literária. Cénica também, porque não dizê-lo?

Nós fizemos esta peça no Rio de Janeiro, perante um público que está habituado a ver de tudo, e que ficou abismado com a qualidade e a profundidade do teatro que se faz em Cabo Verde.

Claro que podemos dizer: “há que fazer mais teatro cabo-verdiano, defendendo o que é nosso”, como já ouvi várias vezes.

Mas sem acção, essas palavras caem no vazio e até no ridículo, porque sem o fazer não significam rigorosamente nada. São apenas bocas que se mandam para a atmosfera, chapéus que se colocam nos jardins à espera que alguém o coloque na cabeça.

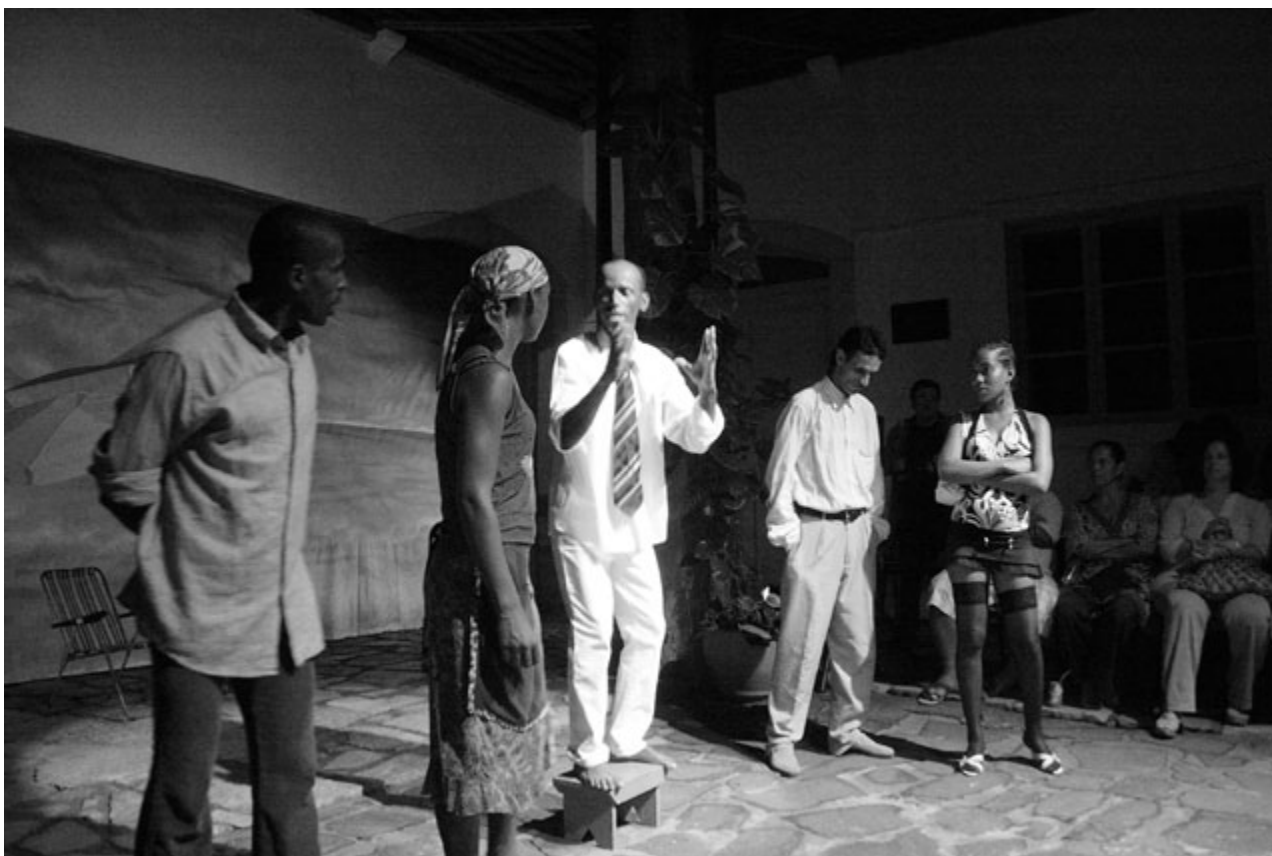
Mas queres melhor forma de defender o que é nosso do que colocar em palco peças de autores como Baltazar Lopes, Eugénio Tavares, Germano Almeida, Arménio Vieira ou Mário Lúcio Sousa? Nós já fizemos tudo isso.

INTERVENÇÃO SOCIAL

Falar de João Branco é falar de blogosfera, do Café Margoso. Foste um dos impulsionadores do fenómeno blogues com carimbo cabo-verdiano. Tens essa consciência de que impulsionaste uma nova forma de comunicar em Cabo Verde?

Não concordo que tenha sido nem o impulsionador da blogosfera nem de uma nova forma de comunicar, como dizes.

Antes do Café Margoso havia já muitos blogues, o debate era aceso, muitas vezes até mais do que é agora. Se calhar tinha menos visibilidade, até porque o acesso à





Internet é hoje muito mais amplo em Cabo Verde do que era há uns anos atrás. E antes de mim, houve outros que com coragem e algumas vezes até com alguma imprudência, expuseram publicamente as suas opiniões sobre os acontecimentos de uma forma bastante inovadora. Portanto, não inventei rigorosamente nada.

Apenas senti a necessidade de fazer uso dessa ferramenta de intervenção social.

Agora, não posso negar que fazer o Café Margoso é um gozo muito grande, principalmente porque me dá duas coisas: por um lado obriga-me a uma reflexão permanente, e por outro permitiu que me aproximasse e me desse conhecer a muita gente com quem antes não tinha qualquer contacto.

Mas claro, há sempre o outro lado da moeda. A exposição que o blogue me dá resvala muitas vezes em ataques baixos sob a capa de anonimato, mas isso é algo que passei a ignorar por completo de há um tempo para cá e tenho-me dado muito bem com essa forma de estar. Um dia cansam-se e arranjam outro alvo.

Foi essa aptidão para a comunicação que te fez experimentar o mundo do Jornalismo?

Gosto de escrever, de opinar, de intervir. Considero que mais do que exposição essa é uma forma de contribuição para uma sociedade melhor, porque todos precisamos que existam campos de discussão pública, inclusive os polí-

“Há gente que trabalha mais no Mindelact durante algumas semanas, do que alguns funcionários de institutos públicos durante um ano inteiro”.

ticos. Mas não considero que a minha actividade tenha directamente a ver com jornalismo. Apenas sou mais um a ajudar, com o pouco que sabe e com o muito que se interessa.

“SOMOS TODOS PSEUDO TUDO!”

Já se pode dizer que existe uma massa crítica cultural em Cabo Verde, ou, o que existe, são pseudo-intelectuais, que não fundamentam os seus discursos e que apenas querem ser vistos?

Detesto a utilização desse termo pseudo antes de qualquer palavra, porque o seu uso foi banalizado, transformado

em arma de arremesso pessoal e mais uma vez funciona apenas como uma rajada de vento que em nada contribui para o debate.

Por definição, pseudo, é tudo aquilo que não chega a ser por inteiro, independentemente do esforço aplicado para que o fosse. Mas não é isso que somos todos nós?

Somos todos pseudo-tudo! Quem é que sabe tudo sobre alguma coisa? Ninguém.

O importante, penso, é aprender a ouvir os outros, mesmo que não concordemos com eles. Isso sim, é um acto de inteligência. Agora, indo directo à pergunta, é evidente que não existe uma crítica cultural em Cabo Verde, porque isso exige um preparo, uma escola, no sentido mais lato do termo, que está longe da realidade actual no arquipélago.

Há gente válida a dar as suas opiniões, umas mais bem fundamentadas que outras, umas com as quais me identifico mais do que outras, mas essa diferença é que trás riqueza e substância para as discussões.

Mal seria se soubéssemos ou pensássemos todos a mesma coisa sobre todos os assuntos. E depois, estamos a falar da natureza humana, que é vaidosa por natureza.

Uns são mais, outros são menos, não precisamos de estar sempre a dizer a mesma coisa, até porque quando se começa a falar dos umbigos dos outros é sinal de que nos começam a faltar argumentos para o que realmente interessa.

Nunca nos esqueçamos que quando apontamos o dedo indicador para alguém, temos três outros dedos apontados para nós próprios. Dito isto, não excludo ninguém deste fas-

cinante campo que é o do debate cívico sobre questões que nos interessam a todos.

CONDENAÇÃO DO BOTA-BAIXISMO

Foste um dos grandes críticos do ex-ministro da Cultura, Manuel Veiga, embora o tenhas, também, elogiado em alguns momentos. O que falhou neste Ministério?

Não queria entrar mais por aí. Já disse o que tinha a dizer sobre o assunto e o importante agora é olhar para o futuro.

Aliás, ao contrário do que tem sido dito, a maioria dos meus escritos e opiniões públicas sobre políticas culturais públicas trazem mais sugestões e propostas do que críticas apenas.

Não sou, nunca fui, adepto do bota-baixismo. Agora, que ninguém espere que quando veja uma sala de espectáculos pública ser utilizada para cultos de seitas religiosas me cale e aplauda; ou que quando o maior e mais importante auditório do país, que é Nacional e tem Jorge Barbosa como patrono, tem a sua gestão privatizada, que possa concordar.

A verdade é que, ao contrário do que se diz, o ex-Ministro da Cultura sempre teve muito boa imprensa. Houve muitas promessas não cumpridas que não foram levadas para os jornais, muitas aberrações que nem sequer foram noticiadas pela comunicação social, nomeadamente pelos especialistas da área.

Agora também penso que as intervenções últimas dos que estão de saída revelam alguma falta de humildade política, porque se continua com o discurso de que tudo foi bem feito e que hoje está tudo melhor do que estava. Não foi e não está.

Mas isso é apenas uma opinião minha e vale o que vale. Para uns não vale nada, para outros, valerá alguma coisa. Como encaraste o fim do Ministério da Cultura e a sua agregação ao Ensino Superior e Ciência? Foi um retrocesso?

Considero que um país como Cabo Verde devia ter um organismo responsável pela cultura autónomo, seja um Ministério seja uma Secretaria de Estado.

“...indo directo à pergunta, é evidente que não existe uma crítica cultural em Cabo Verde, porque isso exige um preparo, uma escola, no sentido mais lato do termo, que está longe da realidade actual no arquipélago”.

Nesse sentido, embora possa entender o que esteve na origem desta decisão, sou da opinião que, no que à orgânica diz respeito, esta nova formação representa claramente um retrocesso.

Aliás, a quem devem ser assacadas responsabilidades pelo facto de o Chefe do Governo ter concluído que já não é necessário um Ministério da Cultura neste país?

Eu penso que a resposta a esta pergunta é evidente.

FALTA DE ESTRATÉGIA

Fala-se muito que o Governo não ouve os artistas e que falta diálogo. Mas, muitas vezes, são os artistas que andam de costas voltadas. Concorda?

O que falta é estratégia, um pensamento estruturado. Tenho pena de constatar que o Fórum sobre Economia da Cultura organizado pelo Ministério da Cultura em Novembro de 2008 tenha sido tempo perdido, porque nada do que ficou ali decidido foi concretizado na prática.

E ali tivemos um momento onde a classe artística nacional, no seu conjunto, disse presente e deu um contributo que considero muito válido.

Fomos para as reuniões com espírito construtivo, com o machado de guerra enterrado, prontos para dar o melhor e aqueles três dias foram muito produtivos.

Mas como se podem sentir os artistas quando constatarem, que um ano e meio depois, continua tudo mais ou menos na mesma?

A sensação que tenho é que estamos todos um bocado fartos de mesas redondas.

Queremos acção, mas uma acção sustentada num planeamento estratégico, pensado, construído, com uma sustentabilidade orçamental forte e assumida e que possa, efectivamente, ser um instrumento válido para um real desenvolvimento das políticas culturais públicas.

Sei que pode parecer um “fait-divers”, mas o que é que na tua opinião pode ser feito para resgatar, preservar, divulgar e impulsionar a cultura genuinamente crioula?

Se aproveitarmos o enorme trabalho de terreno que tem sido feito por tantos e tantos artistas, homens e mulheres do fazer, certamente estaremos a dar um grande contributo para que isso aconteça.

E não falo só da questão do apoio ou da falta dele. Falo mesmo é desse pensamento sustentado e estratégico que transforme aqueles que tem dado um enorme contributo sem receber nada em troca, numa verdadeira mais valia para o património cultural das ilhas, nas suas diversas vertentes. **Há quem diga que tanto “excesso” de opinião e crítica sobre a Cultura e sociedade cabo-verdiana reservam em ti uma pretensão de um dia vir a ser Ministro da Cultura. É uma loucura, ou até te vias nesse papel?**

Eu, Ministro? Nem nos meus piores pesadelos. Mas, claro, estou pronto e disponível para continuar a dar as minhas opiniões sobre os assuntos que mais me apaixonam. Felizmente vivemos num país onde é possível fazê-lo sem qualquer constrangimento. Mas não tenho qualquer ambição política. Nenhuma mesmo. Já tenho muita sarna com que me coçar, como se costuma dizer.

PERGUNTAS RÁPIDAS



Nome
João Branco

Idade
41 anos

Nacionalidade
Portuguesa/Cabo-Verdiana

Habilitações literárias
Licenciatura em Gestão Cultural;
Pós-Graduação em Teatro
(Encenação).

Profissão
Gestor cultural, encenador,
professor de Teatro. Director
Artístico do Centro Cultural
Português – Instituto Camões /
Pólo do Mindelo (São Vicente).

Filosofia de vida
Duas frases que gosto muito, 1)
«Perder-se também é caminho»,
de Clarice Lispector; «O tempo
não passa depressa. O que passa

depressa é o tempo que passou»,
de Virgílio Ferreira.

Religião
Nenhuma

Cor preferida
Azul, preto, branco

Filme
Muitos.

Um clássico
«Janela Indiscreta» de Alfred
Hitchcock

Música
MPB, Cabo Verde, Jazz e Clássica.

Livro
Tantos. A escolher dois, «Amor
em Tempos de Cólera», de Gabriel
Garcia Marquez, e «No Inferno» de
Arménio Vieira

Peça de Teatro
«Contos em Viagem – Cabo

Verde» do Teatro Meridional;
muitas outras do GTCCPM

Encenador
Miguel Seabra e Peter Brook

Actor
Todos (e todas) com quem
trabalhei

País
Cabo Verde, claro.

O que te faz rir?
Muita coisa.

E o que te faz chorar?
Mais coisas ainda!

O que mais ama?
As minhas filhas; o aproveitar a
vida.

O que mais abomina?
Hipocrisia, injustiça, maldade pelo
simples prazer de fazer mal aos
outros.